

Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão: estratégias participativas para o desenvolvimento das mulheres rurais

Latin American Network of Women in Cotton: participatory strategies for the development of rural women

Fernanda Scherer

Doutoranda e Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Gestora de comunicação para o desenvolvimento no projeto +Algodão (FAO BR). Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS), Brasil

Adriana Gregolin

Doutoranda em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Mestre em Ciências Agrárias Agronegócio pela Universidade de Brasília (UNB). Coordenadora Regional do Projeto +Algodão (FAO RLC). Brasília, Distrito Federal (DF), Brasil

GT 05 - Agricultura familiar, ruralidades e relações de gênero no meio rural

Resumo: O estudo analisa as estratégias da “Rede Latino-americana de Mulheres do Algodão”, que busca fortalecer os múltiplos papéis das mulheres rurais na cadeia do algodão na América Latina. Promovida no âmbito do projeto +Algodão, um programa da cooperação Brasil-FAO que tem como objetivo gerar políticas públicas para a cadeia do algodão latino-americano. Analisamos as estratégias da Rede que são fundamentadas na perspectiva da Comunicação para o Desenvolvimento, que tem enfoque na transformação social. Formulamos nossa metodologia qualitativa e descritiva com base na categorização analítica das cinco condições indispensáveis para projetos de comunicação que buscam promover o desenvolvimento, elaboradas por Gumucio-Dagron (2011). Como resultados, percebemos que a articulação de redes representa um potencial para fortalecer a resiliência do trabalho da mulher rural, especialmente em contextos de formulação sensíveis ao gênero e fundamentados em abordagens participativas que possibilitam o acesso a narrativas que amplifiquem o repertório sobre os lugares que as mulheres ocupam nas dinâmicas rurais.

Palavras-chave: Mulher rural. Gênero. Rede de mulheres. Comunicação para o Desenvolvimento.

Abstract: This study analyzes the strategies of the “Latin American Cotton Women’s Network” which seeks to strengthen the multiple roles of rural women in the cotton supply chain in Latin America. Promoted within the framework of the +Cotton project, a Brazil-FAO cooperation program aimed at generating public policies for the Latin American cotton supply chain, we analyzed the Network’s strategies, which are grounded in the perspective of Communication for Development, focusing on social transformation. Our qualitative and descriptive methodology was based on the analytical categorization of the five indispensable conditions for communication projects that seek to promote development, as elaborated by Gumucio-Dagron (2011). As a result, we observed that the articulation of networks represents a potential to strengthen the resilience of rural women’s work, especially in gender-sensitive policy formulation contexts grounded in participatory approaches that enable access to narratives that broaden the understanding of the roles women play in rural dynamics.

Keywords: Rural women. Gender. Women’s network. Communication for Development.

1. Introdução

O trabalho das mulheres rurais é fundamental para a manutenção das cadeias produtivas agrárias no geral e para a economia das comunidades em que estão inseridas. Dentre as cadeias produtivas em que o trabalho das mulheres é essencial está o algodão, que figura entre as 20 commodities de maior relevância no mercado global (FAO, 2025). Estima-se que

aproximadamente 350 milhões de pessoas em todo o mundo estejam envolvidas em atividades econômicas relacionadas a essa cultura. Na América Latina, o cultivo do algodão possui uma história milenar e continua a ser uma das principais culturas agrícolas. Nesse contexto, as mulheres rurais algodoeiras desempenham um papel estratégico na cadeia dessa cultura, tendo em conta a sua atividade não só no cultivo, mas também na transformação da matéria prima, através do artesanato e atividades de comercialização.

As mulheres rurais realizam diferentes trabalhos nas lavouras e na produção de alimentos, além do trabalho doméstico, conforme sustentam Neves e Medeiros (2013). No entanto, geralmente, não são reconhecidas como parte produtiva da agricultura. Diante desse contexto, buscamos analisar a atuação da Rede Latino-americana de Mulheres do Algodão, criada para promover ações voltadas à visibilização, ao incremento de capacidades técnicas, à articulação, ao diálogo e ao intercâmbio entre mulheres algodoeiras de sete países da América Latina: Argentina, Bolívia, Equador, Colômbia, Haiti, Paraguai e Peru. A Rede faz parte das estratégias do +Algodão, um projeto de Cooperação Brasil-FAO (ONU) criado para impulsionar o desenvolvimento sustentável da cadeia algodoeira da América Latina e Caribe.

No presente artigo, analisamos o “Festival Internacional de Artesanatos: uma ponte entre Brasil, Paraguai e Peru”, um intercâmbio cultural realizado entre mulheres agricultoras e artesãs. O evento foi planejado com base nos princípios da Comunicação para o Desenvolvimento (CpD), uma perspectiva que fomenta o reconhecimento dos saberes e das realidades locais através de ações voltadas à participação, ao aprendizado coletivo e à transformação social a partir da ação protagonista dos próprios sujeitos beneficiários, valorizados como interlocutores representativos de suas próprias realidades. No contexto rural, tem potencial para a reelaboração dos discursos sobre os lugares ocupados pelas mulheres, para que a sua ação protagonista seja reconhecida. A ação é analisada a partir das características apontadas por Gumucio-Dagron (2011) como indispensáveis na elaboração de ações de CpD, ou seja, voltadas à mudança social. Visamos responder ao problema: de que maneira a Comunicação para o Desenvolvimento pode fortalecer o trabalho das mulheres rurais?

2. Trabalho da mulher rural e a Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão

Para a agricultura familiar de determinadas regiões da América Latina, o algodão representa uma fonte crucial de rendimento, contribuindo significativamente para a melhoria das condições de vida. Além disso, as culturas alimentares associadas ao algodão reforçam a segurança alimentar e nutricional, ajudando a combater a fome e a pobreza. No mundo, há um total de 32,6 milhões de hectares dedicados ao algodão, sendo que 2,1 milhões estão na América

Latina e no Caribe. Em 2024, o Brasil se tornou o maior exportador de algodão do mundo pela primeira vez na história, desbancando os Estados Unidos, que liderava o ranking por mais de vinte anos (SILVA, 2024).

Nesse contexto, a contribuição das mulheres é frequentemente subvalorizada, devido a práticas históricas relacionadas à divisão sexual do trabalho e à concentração de poder econômico e produtivo nas mãos dos homens. Percebemos como elas são afetadas pela lógica dos papéis de gênero (LOURO, 1997), que perpetua invisibilidade social e falta de reconhecimento como trabalhadoras do campo. A cadeia produtiva do algodão na América Latina ilustra essa dinâmica, quando as mulheres desempenham funções centrais no cultivo, na transformação artesanal e na comercialização dos produtos derivados, mas ainda enfrentam desafios para obter o devido reconhecimento pelo seu trabalho.

Tal cenário foi constatado em estudo publicado pela FAO (2017), que identificou fatores de desigualdade que afetam diretamente as mulheres no contexto rural, como: acesso desigual à propriedade, acesso limitado a créditos financeiros, falta de controle sobre os lucros obtidos e baixo poder de decisão sobre ativos produtivos e comerciais, pouca capacitação, uso desigual do tempo em relação ao trabalho produtivo e reprodutivo, dificuldade de acesso ao mercado, baixa participação a nível pessoal ou comunitário em espaços de representação.

Apesar de realizarem diversos trabalhos no âmbito rural, às mulheres são relacionados os papéis de “doméstica”, “do lar”, “esposa do agricultor” (NEVES; MEDEIROS, 2013). Essa desvalorização indica o conjunto de expectativas que são atribuídas a elas para construírem experiências de subordinação, apesar de produzirem alimento e garantirem a subsistência da família. Tal realidade foi pontuada por Paulilo (2013, p. 297) ao afirmar que é ignorada “a contribuição do trabalho não pago das mulheres para a produção e reprodução da sociedade”, assim, se encontram em posição desvantajosa em termos de participação social, política e econômica. Essa realidade é apontada por Esmeraldo (2013, p. 245), ao afirmar que,

no modelo de organização da produção de natureza familiar, na lógica institucional, nos dados estatísticos, no meio jurídico, nas escolas agrotécnicas e de graduação em ciências agrárias e na ação governamental de programas voltados para o desenvolvimento rural, o trabalho na agricultura é considerado ofício masculino. As regras instituídas, seja em documentos, seja inscritas nas práticas sociais, são portadoras de senso comum, de comportamentos, de modelos que legitimam o homem na profissão e privam a mulher do acesso à terra, à capacitação e ao reconhecimento do seu trabalho nos roçados (ESMERALDO, 2013, p. 245).

O masculino é legitimado como o gênero representante da categoria profissional de trabalhador rural. Se em áreas urbanas as mulheres ainda lutam para se desvencilhar dos papéis

que as vinculam aos ambientes domésticos e desafiam a sua permanência nos ambientes fora do lar, nas áreas rurais a situação se agrava.

A Agenda Internacional para o Desenvolvimento parte desse panorama e, por meio dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), convoca países e organizações a se comprometerem com a igualdade de gênero (Objetivo 5) e a reduzirem as formas de discriminação contra mulheres e meninas, promovendo, assim, o exercício dos direitos humanos fundamentais para todas. De maneira prática, o compromisso se traduz no desenvolvimento de iniciativas, em áreas urbanas e rurais, que reduzam lacunas quanto ao acesso à recursos produtivos e reprodutivos em igualdade de condições, que facilitem o acesso de mulheres à tomada de decisões e que impulsionem o seu empoderamento econômico, os quais resultarão em economias sustentáveis e no benefício das sociedades e da humanidade como um todo.

Percebendo a urgência de fomentar uma visão mais integrada da abordagem de gênero nas políticas públicas e de impulsionar ações voltadas ao reconhecimento do trabalho desempenhado pelas mulheres rurais, o projeto +Algodão (Cooperação Brasil-FAO) inaugurou a Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão. Lançada em 2024, a Rede desenvolve estratégias para a transversalização da perspectiva de gênero na cadeia algodoeira.



Figura 1: Marca da Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão. Fonte: +Algodão, 2026.

O objetivo principal é a consolidação de uma rede de trabalho para a promoção de uma agenda voltada ao empoderamento das mulheres produtoras de algodão, visando contribuir para o fortalecimento de seus meios de subsistência e de seu papel em toda a cadeia de valor algodoeira. Para alcançar tal objetivo, foram formulados os seguintes eixos estratégicos da Rede: A) Aumento da conscientização sobre os múltiplos papéis das mulheres no setor

algodoeiro; B) Fortalecimento das capacidades técnicas, organizacionais, de gestão e de marketing; C) Conexão entre produtoras de algodão de diferentes países; D) Promoção do diálogo e da troca de experiências que contribuam para o fortalecimento das cadeias de valor com perspectiva de gênero; e E) Mobilização de recursos para empoderar as mulheres produtoras de algodão.

As ações desenvolvidas pela Rede são planejadas com base na união de instituições e pessoas vinculadas à Cooperação Brasil-FAO para o algodão e motivadas na promoção do papel das mulheres rurais e na redução das desigualdades de gênero na cadeia algodoeira. Dentre as atividades desenvolvidas em 2025 e 2026, foi implementado, de maneira online e, posteriormente, presencial, o “Festival Internacional de Artesanato: Uma Ponte entre Brasil, Paraguai e Peru”, sobre o qual discorreremos a seguir.

3. Ação para o desenvolvimento da Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão

O “Festival Internacional de Artesanatos: Uma Ponte entre Brasil, Paraguai e Peru” foi uma ação impulsionada pelo +Algodão e pela Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão visando o intercâmbio de saberes ancestrais vinculados ao algodão e a valorização do trabalho têxtil desenvolvido pelas artesãs enquanto pilar da identidade cultural na América Latina. A primeira versão do Festival foi celebrada em outubro de 2025, de maneira online. O encontro online contou com a participação de 50 artesãs de sete países da América Latina e proporcionou o intercâmbio de práticas artesanais liderado por mestras artesãs do Brasil, Paraguai e Peru que cultivam algodão para a criação da sua arte e são reconhecidas por promoverem o legado do artesanato têxtil em seus países. O evento foi planejado em formato de oficina, na qual três artesãs compartilharam sua história como artesã, a história da arte ancestral que adotam, e ensinaram, para as outras artesãs, as técnicas que utilizam em seu trabalho com a arte têxtil.



Figura 2: Artesã brasileira Marlice Machado ensinando sua técnica de trabalho. Fonte: +Algodão, 2025.

Na edição online do evento, participaram as artesãs Marlice Machado, do Brasil, Carolina Giménez, do Paraguai, e Rosa Marissa Asalde Ventura, do Peru. Marlice Machado é representante da “Associação das Tecelãs do Vale do Jequitinhonha”, da Comunidade Quilombola Roça Grande, lugar em que a tecelagem manual é praticada há mais de 300 anos, mantendo uma padronagem única que atravessa gerações desde o século XVIII. Utilizando o algodão como matéria-prima, cultivado e preparado de forma tradicional, as tecelãs produzem têxteis que atendem às necessidades diárias da comunidade e, ao mesmo tempo, expressam memória, identidade e resistência cultural.

Carolina Giménez é integrante da “Cooperativa Yataity Ao Po’i”, no Paraguai. Há mais de 30 anos, a Cooperativa trabalha para manter viva a tradição do bordado Ao Po’i. As ações das participantes da Associação incluem o ensino da tecelagem rústica na Escola de Salvaguarda do Autêntico Ao Po’i em Yataity, cidade reconhecida como a capital do Ao Po’i. No Paraguai, a importância dessa técnica é tamanha que, em 2024, por meio do Decreto 929, o Poder Executivo declarou a tecelagem do Ao Po’i como vestimenta de uso oficial preferencial pelo Governo Nacional.

Rosa Marissa Asalde Ventura representa a “Asociacion Valle de las Pirâmides de Túcume”, Peru. As mulheres da Associação promovem o resgate do cultivo de algodão nativo, espécie que deixou de ser cultivada na região devido à massificação do cultivo de arroz. Para o resgate e valorização da fibra nativa, recuperaram a tradição têxtil milenária do tecido em tear de cintura, produzindo diversos produtos têxteis com iconografias pré-hispânicas e com o apoio do Museu do Sítio Arqueológico de Túcume, o que possibilitou a integração entre história, turismo e artesanato.

Cabe destacar que as três artesãs participaram das comemorações do Dia Mundial do Algodão promovidas pelo +Algodão em 2023, através do desfile “América Latina se veste de algodão” em que os tecidos produzidos por elas foram apropriados pelo estilista colombiano Juan Pablo Martínez para a criação de uma coleção de moda. A coleção, apresentada no Museu da República, em Brasília, contou com a presença de diversas instituições cooperantes e atores governamentais dos sete países que integram a Cooperação Brasil-FAO, além das próprias artesãs que assinaram a coleção junto com o estilista.

O tema do evento online, nomeado “Festival Internacional de Artesanatos: Uma Ponte entre Brasil, Paraguai e Peru”, foi escolhido pelas próprias mulheres da Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão, através de um questionário compartilhado pelas redes de contato do projeto +Algodão. As mulheres da Rede escolheram a temática por considerarem que oficinas

de intercambio de conhecimentos sobre técnicas de tecelagem entre diferentes culturas são uma oportunidade para a valorização das artesãs e para a disseminação do legado do artesanato em toda a América Latina, de maneira a estimular o seu reconhecimento como patrimônio cultural e a continuidade do trabalho têxtil através das gerações.

A partir da realização do evento online, as artesãs se mobilizaram para a realização do Festival Internacional de Artesanatos de maneira presencial no Peru, o que se tornou possível através do apoio de diversos atores que são parte da Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão. O evento presencial foi planejado em conjunto por diversas instituições peruanas, entre elas o Centro de Inovação Tecnológica em Turismo e Artesanato (CITE Sipán), o Instituto Nacional de Inovação Agrária (INIA), a Gerência Regional de Comércio Exterior, Turismo e Artesanato (GERCETUR), o Ministério de Desenvolvimento Agrário e Irrigação (MIDAGRI), o Instituto do Algodão Nativo e a Associação de Artesãos do Vale das Pirâmides de Túcume.

Em relação à participação das artesãs brasileiras, representantes da Associação das Tecelãs do Vale do Jequitinhonha se mobilizaram para a escrita de um projeto, que foi aprovado por meio da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura e, com apoio do Governo de Minas Gerais, do Ministério da Cultura e do Governo Federal, acessaram à verba necessária para que participassem do evento no Peru. Ademais, com apoio do projeto +Algodão, a artesã paraguaia também teve a possibilidade de participar de maneira presencial.



Figura 3: Abertura do evento presencial com a participação das artesãs dos três países participantes. Fonte: Cite Sipán, 2026.

O Festival Internacional de Artesanatos foi implementado de 07 até 13 de fevereiro de 2026, na região de Lambayeque, norte do Peru. A delegação participou de atividades práticas e de intercâmbio de experiências com as mestras tecelãs vinculadas ao CITE Sipán, como a Associação de Artesãos do Vale das Pirâmides de Túcume. Ademais, as artesãs de cada país ensinaram as suas técnicas têxteis para as demais participantes, atividades que culminaram no desenvolvimento de uma peça de artesanato têxtil planejada e executada em conjunto pelas

artesãs dos três países. O evento incluiu a realização de exposições itinerantes de artesanato promovidas em instituições públicas e privadas nas cidades de Lambayeque, Mórrope, Chiclayo e Túcume.



Figura 4: Artesã brasileira ensinando técnicas artesanais para artesãs peruanas. Fonte: +Algodão, 2026.



Figura 5: Artesã paraguaia ensinando técnicas artesanais para artesãs peruanas. Fonte: +Algodão, 2026.



Figura 6: Artesãs peruanas ensinando técnicas artesanais para artesã brasileira. Fonte: +Algodão, 2026.

Visando o fortalecimento de capacidades a respeito do cultivo do algodão, durante o Festival Internacional, a delegação foi recepcionada por instituições motivadas no resgate, na pesquisa e na conservação do algodão nativo peruano, como a Universidade Nacional Pedro

Ruiz Gallo, o Instituto de Investigação do Algodão Nativo e a Estação Experimental INIA-Vista Florida. As artesãs conheceram o Programa Nacional de Cultivos de Algodão desenvolvido pelo INIA, oportunidade em que visitaram os campos de conservação de germoplasma de algodão nativo.



Figura 7: Delegação na capacitação promovida pelo INIA. Fonte: INIA, 2026.

Em uma plantação de 3 hectares de algodão em fase de colheita, conheceram as cinco cores preservadas na região de Lambayeque (algodão branco, creme, fífo ou lilás, pardo, pardo alaranjado e pardo vermelho), tonalidades que demonstram a diversidade genética preservada no Peru. Nos campos de investigação da variedade branca comercial, a delegação foi capacitada no processo de autofecundação, que é comumente utilizado por artesãs produtoras de algodão nativo mobilizadas em manter geneticamente pura a semente e a conservar a cor de cada uma das fibras.

A programação também incluiu visitas a museus e a oficinas de artesãos locais, para a apreciação de experiências que integram tradição, turismo e artesanato têxtil. O Festival Internacional foi encerrado na sede da Gerência Regional de Comércio Exterior e Turismo, com a participação de instituições públicas como o Ministério de Desenvolvimento Agrário e Irrigação, organizações de artesãos e representantes do setor do algodão nativo do Peru. O evento presencial reuniu cerca de 100 artesãs, instituições públicas, pesquisadores e representantes de organizações locais e nacionais, promoveu o intercâmbio de saberes ancestrais através do conhecimento das mestras artesãs e valorizou o trabalho desenvolvido por elas como um patrimônio cultural na América Latina.

Ambas edições do Festival foram planejadas com base na Comunicação para o Desenvolvimento, que fomenta a autonomia e a ação protagonista dos sujeitos, para que se tornem agentes de si e tenham a liberdade para colocar em prática os seus projetos próprios,

para benefício individual e para a eficácia social. A seguir, apresentamos os critérios da Comunicação para o Desenvolvimento, perspectiva que, além de guiar o planejamento do intercâmbio cultural, conforma a nossa categoria analítica.

4. Comunicação para o Desenvolvimento – categoria de análise

O Festival Internacional de Artesanatos foi uma estratégia implementada através da Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão e fundamentada na perspectiva da Comunicação para o Desenvolvimento. Essa perspectiva sobre a Comunicação é efetivada quando instituições promovem processos de comunicação que ampliam a visibilidade das personalidades e das realidades diversas de sujeitos que, comumente, detêm limitada ou nula autoridade, quando impulsionam condições ou espaços capazes de inverter o fluxo da comunicação de massa produzida pelos meios comunicacionais dominantes e elites econômicas, expandindo o alcance dos conteúdos produzidos localmente.

Ao inverter o fluxo mais comum da comunicação (no sentido hierárquico, de cima para baixo, da instituição para os territórios), promove a visibilidade de diferentes perspectivas e conhecimentos, através de processos de participação e diálogo em que as comunidades possam comunicar por si mesmas. A comunicação, apropriada para fins de desenvolvimento, tem o potencial para transformar a vida das pessoas, ao mesmo tempo em que transforma a própria sociedade. Isso porque, no momento em que os espaços para a participação são ampliados, os modelos experienciados podem ser, em alguma medida, reformulados e reconstituídos.

A Comunicação para o Desenvolvimento reflete a importância da participação e do diálogo na promoção do desenvolvimento humano integral e na construção de sociedades mais justas e equitativas. Gumucio-Dagron (2011) discorre sobre a Comunicação para o Desenvolvimento e apresenta a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) como a sua principal promotora. No contexto da Organização, ações com base na CpD assumem que agricultores e agricultoras podem estabelecer fluxos de comunicação voltados à troca de conhecimentos e informações, tanto entre comunidades quanto entre as comunidades e os técnicos/especialistas, rompendo com a fluxo unidirecional do conhecimento, passado da instituição para o agricultor e agricultora unicamente. Nessa dinâmica, em que os grupos passam a participar efetivamente dos processos comunicacionais, o processo é mais significativo do que os produtos finais. No meio rural, acreditamos que esse tipo de comunicação pode ser uma das vias para a promoção da visibilidade do trabalho da mulher rural, de maneira a contribuir para a valorização e o reconhecimento do trabalho que é produzido por elas.

Vale pontuar que, tomando como referência a proposta de Peruzzolo (2006), compreendemos “Comunicação” como “Encontro”, como a capacidade de estabelecer trocas e relações dialógicas recíprocas, em um percurso pelo qual um comunicante se inscreve no espaço e no tempo do outro. Dessa maneira, processos que abarcam a participação, o diálogo, o encontro, podem ser considerados como processos de comunicação – como é o caso do Festival Internacional de Artesanatos. Diante disso, formulamos nossa metodologia qualitativo e descritiva com base na categorização analítica das condições indispensáveis para estratégias de comunicação que buscam promover o desenvolvimento e a mudança social, elaboradas por Gumucio-Dagron (2011).

Para abordar as possibilidades que esse tipo de processo de comunicação proporciona, o autor apresenta cinco características que podem ser utilizadas como guias para projetos que objetivam fomentar a transformação social por meio da comunicação (GUMUCIO-DAGRON, 2011, p. 40-41), são elas: I) Participação comunitária e apropriação; II) Língua e pertinência cultural; III) Geração de conteúdos locais; IV) Uso de tecnologia apropriada; V) Convergências e redes. Abordaremos cada uma dessas características na análise da ação “Festival Internacional de Artesanatos” promovida no âmbito da Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão, com vistas a responder à problemática: de que maneira a perspectiva da Comunicação para o Desenvolvimento pode fortalecer o trabalho das mulheres rurais? Tomamos tais características como base para refletir sobre a iniciativa, analisar as suas formas de atuação e o potencial para a transformação social quanto ao trabalho das mulheres rurais.

5. Análise: Festival Internacional de Artesanatos, uma ação de Comunicação para o Desenvolvimento

Nesta seção, analisamos o intercâmbio cultural promovido através da Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão, denominado “Festival Internacional de Artesanatos – uma ponte entre Brasil, Paraguai e Peru” com base na Comunicação para o Desenvolvimento. Para abordar as possibilidades que essa perspectiva proporciona, Gumucio-Dagron (2011) apresenta cinco características que podem ser utilizadas como guias para projetos que objetivam fomentar a transformação social por meio da comunicação, conforme apontado anteriormente. Tomamos tais características como base para refletir sobre a iniciativa do projeto +Algodão, analisar as suas formas de atuação e o potencial para a transformação social no contexto de fortalecimento do trabalho das mulheres rurais.

I) Participação comunitária e apropriação. Através desse postulado, o autor menciona o envolvimento por parte dos grupos e comunidades que participam das ações voltadas à

transformação social, no sentido de se apropriarem do processo e se tornarem protagonistas na ação para o desenvolvimento. Ao refletir sobre a ação Festival Internacional de Artesanatos, observa-se que as mulheres participantes do evento foram agentes na ação, uma vez que o ponto de partida para o planejamento das edições, tanto online quanto presencial, foi a consulta que o +Algodão realizou com as mulheres da Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão. As próprias integrantes identificaram o problema enfrentado, relacionado à necessidade de valorização das trabalhadoras da tecelagem, definiram o objetivo do evento, vinculado ao reconhecimento da arte têxtil como patrimônio cultural nos países, bem como o formato do evento, que priorizou a divulgação da história de cada mestra artesã com o artesanato, o intercâmbio de técnicas de trabalho implementadas na produção da arte têxtil ancestral e o compartilhamento das estratégias que cada país utiliza para promover a arte têxtil produzida com algodão.

Através do planejamento em conjunto, as artesãs puderam identificar seus problemas, construir consenso sobre o que desejam para o futuro e se co-responsabilizaram pelo desenvolvimento de ações que pudessem auxiliá-las a torná-lo mais próximo à realidade. Dessa maneira, efetivou-se a participação comunitária e a apropriação da ação para o fortalecimento do potencial da rede de mulheres. Além disso, as agricultoras artesãs foram incentivadas a contar a sua história em relação ao trabalho exercido na cadeia algodoeira de acordo com o seu próprio ponto de vista, tanto na edição online quanto presencial, de maneira que elas próprias escolhessem o que gostariam de exaltar e compartilhar, no sentido de assumirem o protagonismo das histórias narradas.

Outro ponto a ser mencionado diz respeito aos papéis de gênero que, nas áreas rurais, comumente resultam na falta de reconhecimento das mulheres como trabalhadoras (NEVES; MEDEIROS, 2013). Ao decidirem qual seria o tema do evento e as formas como ele seria conduzido, as mulheres da Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão fortaleceram a sua representação enquanto mulheres presentes e atuantes na cadeia produtiva do algodão, contribuindo para a reelaboração dos significados simbólicos que são culturalmente atribuídos às mulheres em relação à divisão de papéis de gênero. As integrantes da Rede se apropriaram dos espaços planejados em conjunto com o +Algodão para reafirmarem a presença das mulheres nesta cadeia de valor.

II) Língua e pertinência cultural. Nesse ponto, Gumucio-Dagron (2011) aborda o fato de que, quando começaram a ser implementados, os programas de desenvolvimento eram elaborados nos países ricos, e depois aplicados nos países em desenvolvimento. O mesmo se passou com as ações de comunicação direcionadas à transformação social – as estratégias eram

pensadas nos países desenvolvidos e, depois, aplicadas nos países subdesenvolvidos. Essa prática não condiz com a pertinência cultural mencionada pelo autor. No modelo apresentado, denominado *bottom-up*, as mudanças devem ser propostas a partir da própria comunidade, de acordo com as suas prioridades, necessidades, princípios éticos e devem seguir o fluxo oposto ao modelo modernizador e colonialista.

Nesse cenário, reforçamos que a iniciativa “Festival Internacional de Artesanatos” foi construída por meio do diálogo entre o projeto +Algodão e as mulheres algodoeiras e isso, conforme os apontamentos de Gumucio-Dagron (2011), pode ser interpretado como uma força em termos da comunicação para a mudança social, por reforçar formas horizontais de atuação, uma vez que foi definido, em conjunto com as populações envolvidas, os meios e as técnicas a serem utilizadas. Ademais, percebe-se que a ação foi direcionada à valorização ao trabalho cotidiano da Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão, tema que se apresentou como um importante mobilizador entre suas integrantes por ser uma questão centrada no reconhecimento da sua posição como trabalhadora e detentora de um saber ancestral.

Através dos eventos, as mulheres apresentaram o seu trabalho, reafirmaram a sua atuação como mestras artesãs, de acordo com as suas próprias palavras e perspectivas, transmitindo seus valores culturais e, assim, reforçaram a sua representação como integrantes da cadeia produtiva do algodão, em um formato que fez sentido para elas. As mulheres ocuparam os espaços proporcionados pelo Festival Internacional, tanto no formato online quanto presencial, assumindo narrativas capazes de representá-las de forma adequada, promovendo a sua visibilidade política junto às instituições internacionais.

III) Geração de conteúdos locais. Uma das premissas da comunicação para a mudança social é a tomada de consciência de que os processos de comunicação devem reconhecer as práticas e saberes locais, brindar espaços às comunidades para que possam partilhar a riqueza do conhecimento local, que é profundamente enraizado em histórias, culturas e relações intrincadas com o ambiente que as circundam. Assim, os processos de comunicação se tornam inclusivos e transformadores, centrados na valorização das identidades culturais e nas realidades socioeconômicas das comunidades rurais, ao fomentarem o intercâmbio de conhecimentos em condições equitativas, através do diálogo voltado ao crescimento mútuo.

Essa perspectiva vai contra os modelos verticais de comunicação, para os quais as comunidades em desenvolvimento necessitam do conhecimento e do saber que só pode ser promovido pelos países industrializados, ou pelo âmbito acadêmico, ou por instituições de fomento ao desenvolvimento, para serem recebidas por pessoas que carecem de mudança social.

Quanto ao “Festival Internacional de Artesanatos”, é possível mencionar que uma das razões para a criação da ação foi a busca pelo reconhecimento das práticas locais, profundamente enraizadas em saberes ancestrais. Cada artesã, de cada país, evidenciou a relação que estabelece com o próprio trabalho, vinculado ao cultivo do algodão e à produção do artesanato, de acordo com a cultura a qual pertencem.

Durante o Festival, as mestras artesãs foram as palestrantes, o que contribuiu para impactar a norma de gênero que, na dinâmica da reprodução social, atribui diferentes possibilidades de ocupação dos espaços e reserva às mulheres os espaços secundários. Ao dominarem os espaços de fala, contribuíram para fortalecer a sua legitimação enquanto lideranças, bem como a legitimação de seu ofício frente ao poder público e às diversas instituições parceiras envolvidas nas ações, assim como frente a outras artesãs que acompanharam os eventos do Festival, sendo essa uma oportunidade de incentivo à continuidade do ofício por parte de outras gerações.

IV) Uso de tecnologia apropriada. Esse fator questiona a natureza da tecnologia e o seu lugar na sociedade, derrubando o mito de que o acesso a uma determinada ferramenta tecnológica pode ser, por si só, o princípio gerador de desenvolvimento. A comunicação para a mudança social não promove instrumentos e sim processos, que são complexos, multifacetados e, muitos deles, resultantes da interação entre múltiplos fatores e forças dentro de uma sociedade. De acordo com essa perspectiva, as inovações tecnológicas disponíveis não definem o “estágio” de desenvolvimento de uma população.

A tecnologia, nos processos que impulsionam a mudança social, deve ser adaptada às demandas específicas de cada processo de comunicação, sendo que a competência de seus usuários influenciará nas características da tecnologia escolhida em cada fase do processo. Por isso, o desenvolvimento de capacitações, a escuta das comunidades e a construção conjunta de um caminho para o diálogo pode ser o que há de mais valioso e proveitoso em um projeto de Comunicação para o Desenvolvimento. Acerca da iniciativa analisada, é possível apontar que as primeiras etapas de construção do Festival, referente à consulta das mulheres quanto ao tema e à ação que gostariam de construir, bem como a primeira edição do Festival, realizada através do âmbito online, geraram a necessidade de acesso a aparatos digitais.

Ao aprofundarmos no postulado mencionado por Gumucio-Dagron (2011, p. 41) e focando nas etapas iniciais do intercâmbio cultural, é possível pontuar que somente divulgar a existência de uma ação e convidar as populações para participarem não é suficiente. No contexto da Comunicação para o Desenvolvimento, uma aproximação mais efetiva às comunidades se faz necessária para complementar o impulso à tomada de voz pelas populações,

de forma que elas possam se empoderar do processo comunicativo e se apropriar das ferramentas comunicacionais.

Com o enfoque nesse tema, é possível mencionar o eixo estratégico de atuação da Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão, referente ao fortalecimento das capacidades técnicas, organizacionais, de gestão e de marketing. A partir da definição de tal eixo, desde o projeto +Algodão, são impulsionadas ações de educação digital que objetivam capacitar as populações algodoeiras, como as que cultivam algodão no contexto da agricultura familiar e produzem artesanato têxtil na América Latina, de maneira a se apropriarem das oportunidades que as tecnologias digitais oferecem, por exemplo, a participação em diversas ações impulsionadas pela Rede. Ações presenciais são relevantes, contudo, o montante de recursos financeiros que são necessários para a sua realização faz com que as principais ações sejam celebradas no formato online. Nesse cenário, compreendemos que, para que ações como o “Festival Internacional de Artesanatos” possam ter um alcance amplo e um engajamento quantitativamente maior das mulheres algodoeiras, um passo importante a ser dado são ações que possam impulsionar a apropriação das TICs, em termos de letramento digital, por exemplo.

Assim, o +Algodão e a rede de mulheres desenvolve ações para o uso adequado de tecnologias digitais. Um exemplo de ação é a parceria do projeto com a iniciativa “Territórios Conectados pela Sororidade: questões de gênero, TICs e fortalecimento de laços em espaços periféricos” (edital FAPERGS/CNPq 07/2022), firmado através de parceria institucional entre FAO e Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que procura facilitar os processos de apropriação do conhecimento em TICs por comunidades rurais e periféricas. As capacitações desenvolvidas através dessa iniciativa são um exemplo do caminho percorrido em busca desse postulado pelo +Algodão, projeto promotor do “Festival Internacional de Artesanatos”. A proposta, desenvolvida pelos autores, se refere à organização de um trabalho de conscientização e capacitação, a partir de cursos de extensão sobre comunicação, tecnologias e produção cultural, com reserva de 50% das vagas para mulheres.

V) *Convergências e redes*. Gumucio-Dagron (2011, p. 41) pontua que os processos de comunicação não podem acontecer de maneira isolada. Eles devem fomentar o diálogo para que possam crescer e se tornarem sustentáveis a longo prazo. O estabelecimento de laços entre experiências, a ponto de gerar a formação de redes, tende a enriquecer os processos voltados à mudança social. Nesse quesito, acredita-se que a formação de redes no âmbito rural desempenha um papel crucial no fortalecimento das comunidades, no desenvolvimento econômico sustentável e na promoção da resiliência frente aos desafios. Ao reunir recursos, conhecimentos e pessoas, as redes rurais fortalecem os membros das comunidades para

enfrentarem as dificuldades locais e para explorarem novas oportunidades de crescimento e desenvolvimento.

A ação “Festival Internacional de Artesanatos” foi criada a partir de uma rede, a Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão, a qual foi planejada com base em outra rede: a rede de atores da Cooperação Sul-Sul para o algodão. A mobilização para a realização da ação demonstrou como arranjos coletivos podem fortalecer pautas, como é o caso da demanda por maior comprometimento por parte de instituições e organizações públicas quanto ao desenvolvimento de cadeias de valor sensíveis às relações de gênero. Mais especificamente, quanto à valorização do trabalho da mulher na cadeia algodoeira, que resulte em benefícios para as mulheres e para a competitividade da cadeia em geral.

Em rede, o alcance das manifestações das mulheres algodoeiras se amplificou. Juntas, puderam formular relações de comunicação, de encontro, com agentes externos ao seu círculo social, para além da associação da qual fazem parte e com instituições diversas às locais. O evento proporcionou a afirmação dos laços entre as mulheres pertencentes à rede, o que supostamente se traduz na facilitação de escuta de suas demandas, uma vez que, em conjunto, as oportunidades para a ocupação de certos lugares aumentam.

Na implementação do evento, a organização em rede fortaleceu as possibilidades de escuta das narrativas das mulheres em espaços que são considerados, majoritariamente, masculinos, pois se vinculam ao desenvolvimento de atividades econômicas no meio rural (NEVES; MEDEIROS, 2013; PAULILO, 2013). Através da organização em rede, a mobilização das mulheres algodoeiras trouxe ao debate público questões relacionadas ao seu reconhecimento enquanto sujeito pertencente e atuante na cadeia do algodão.

De modo geral, percebe-se que Festival Internacional de Artesanatos reflete a busca por uma sociedade mais equitativa, através de processos dialógicos e do protagonismo de pessoas que encontram espaços favoráveis para a partilha de suas experiências, ideias, necessidades e soluções. Com autonomia, as mestras artesãs teceram a construção do evento, dos encontros e dos preceitos sobre o lugar da mulher na cadeia algodoeira. Não foram as instituições, o chefe, ou o marido que falaram por elas, ou que interpretaram a sua realidade para compartilhá-la no âmbito público: elas formularam suas narrativas por si e, em conjunto, selecionaram as pautas que foram abordadas pelas instituições, ocupando, assim, posições de destaque. Partindo da organização coletiva, intercambiaram conhecimentos, acessam novas informações e promoveram a ação política reinventando os lugares reservados aos gêneros e movimentaram, assim, o desenvolvimento dos espaços rurais e de si mesmas.

5. Considerações finais

A ação “Festival Internacional de Artesanatos – uma ponte entre Brasil, Paraguai e Peru” reflete a busca pela elaboração de novas narrativas sobre o papel da mulher na cadeia algodoeira. As estratégias de comunicação adotadas visaram ultrapassar a centralidade masculina no âmbito rural e reinventar as representações de subordinação feminina que vinculam as mulheres aos papéis de “doméstica”, “do lar”, ou de “esposa do agricultor” (NEVES; MEDEIROS, 2013). Ao apresentarem a si mesmas como trabalhadoras, as mulheres da Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão corroboram para amplificar o repertório sobre os lugares que ocupam, de modo a atualizar as expectativas sobre a sua atuação nas dinâmicas rurais.

Uma vez que a concentração de poder econômico e produtivo nas mãos dos homens é advinda de práticas socialmente construídas (PAULILO, 2013), a elaboração de outros projetos sociais também é possível. Nesse sentido, a atribuição de notoriedade a narrativas que apresentam uma diversidade de experiências impulsiona a reconfiguração dos papéis sociais, já que desestabiliza o que era percebido como dado, permanente, imutável. As experiências, comumente reservadas ao segundo plano, passam para o centro e são narradas a partir das perspectivas das próprias pessoas protagonistas das experiências, que demarcam a sua presença como trabalhadoras na cadeia do algodão.

Assim, a respeito do potencial da Comunicação para o Desenvolvimento para fortalecer o trabalho das mulheres no contexto rural, percebe-se que o fortalecimento se dá, especialmente em relação à contribuição para que as narrativas secundarizadas sejam deslocadas da margem e circulem socialmente. O acesso a perspectivas diversas, advindas de outros lugares, pode ser gerador de um movimento de resignificação do que foi naturalizado, bem como de construção de novos sentidos – e essa é uma forma de impulsionar a mudança social.

Assim, o Festival Internacional de Artesanatos fortalece a resiliência do trabalho da mulher rural, especialmente, em decorrência do seu contexto de formulação sensível ao gênero e fundamentado em abordagens participativas. Por ser construído com enfoque no protagonismo das mulheres artesãs e agricultoras da Rede Latino-Americana de Mulheres do Algodão, promoveu a sensibilização com referências mais plurais podem atualizar o que se sabe sobre o trabalho da mulher rural. Quanto à participação, em razão de ter sido formulado em diálogo com as mulheres da Rede, elas selecionaram as pautas que foram compartilhadas possibilitando, assim, que ocupassem posições de destaque e se envolvessem nas ações.

O processo comunicacional, impulsionado através das redes da Cooperação Brasil-FAO, contribuiu com a Agenda Internacional para o Desenvolvimento e com Objetivo 5 para

o Desenvolvimento Sustentável que visa à igualdade de gênero, já que houve incentivo para que as narrativas sobre as mulheres rurais fossem reestabelecidas. A ação, baseada na perspectiva da transformação social, promoveu a liderança das mulheres rurais, cujas experiências puderam ser comunicadas e reconhecidas para além de níveis locais, sendo valorizadas, também, em níveis macrossociais e internacionais.

Referências

ESMERALDO, G. G. S. L. O protagonismo político de mulheres rurais por seu reconhecimento econômico e social. In: NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (orgs.). **Mulheres Camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013.

FAO. **Mujeres de Algodón**: Roles de género y participación en las cadenas de valor en Argentina, Bolivia, Colombia, Paraguay y Perú. 2017. Disponível em: <<https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/284f8223-563a-41aa-a6bd-bd3735a3c0ca/content>>. Acesso em: 05 mar. 2026.

FAO. **Programa de Cooperação Internacional Brasil-FAO**. 2025. Disponível em: <<https://www.fao.org/in-action/programa-brasil-fao/proyectos/setor-algodoeiro/pt/>>. Acesso em: 26 mar. 2026.

GUMUCIO-DAGRON, A. Comunicación para el cambio social: clave del desarrollo participativo. **Signo y Pensamiento**, Bogotá: v. XXX, n. 58, 2011.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

NEVES, D; MEDEIROS, L. (Org.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013.

PAULILO, M. I. S. FAO, Fome e Mulheres Rurais. **DADOS**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 2, 2013.

PERUZZOLO, A. C. **A comunicação como encontro**. Bauru/SP: EDUSC, 2006.

SILVA, M. A. **Brasil ultrapassa EUA e já é maior exportador de algodão do mundo**. Agência Brasil, 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-07/brasil-ultrapassa-eua-e-ja-e-maior-exportador-de-algodao-do-mundo>>. Acesso em: 26 mar. 2025.